

Maria da Conceição Fonseca-Silva
Vera Pacheco
Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira
(Organizadoras)

Em Torno da Língua(gem): Questões e Análises

Luiz Carlos Cagliari
Vera Pacheco
Thaís Cristóvão Alves da Silva
Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira
Gildete Rocha Xavier
Suzana Alice Marcelino Cardoso
Jacyrá Andrade Mota
Norma da Silva Lopes
Cândida Mara Britto Leite
Maria da Conceição Fonseca-Silva
Mônica Oliveira Santos
Jorge Viana Santos
Luiz Francisco Dias
Fernanda Mussalim
Anna Flora Brunelli



Copyright © 2007 by Edições Uesb
Todos os direitos desta edição reservados a Edições Uesb
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação
de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Catálogo na publicação: Biblioteca Central da Uesb

E44 Em Torno da Língua(gem): *Questões e Análises* / Maria da Conceição
Fonseca-Silva, Vera Pacheco e Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira
(Org.) – Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007.

382p.
ISBN 978-85-88505-47-6

1. Fonética. 2. Fonologia. 3. Linguagem - Aquisição. 4. Teoria Lingüística.
I. Silva, Maria da Conceição Fonseca. II. Pacheco, Vera. III. Lessa, Adriana
Stella Cardoso. IV. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. V. T.

CDD: 414

Campus Universitário - Caixa Postal 95- Fone: 77 3424-8716
Estrada do Bem Querer, Km 04 - 45083-900 - Vitória da Conquista-BA
E-mail: editora@uesb.br ou editorauesb@yahoo.com.br

O Ensino de Pronúncia de Língua Estrangeira

*Thaís Cristóvão Alves da Silva **

Certamente, uma compreensão completa da linguagem como uma forma da atividade do homem requer uma compreensão da base da natureza da fala humana.

(Robert Henry Robins. **Lingüística Geral**).

1 Considerações Preliminares

Toda e qualquer língua apresenta variação. Línguas são sistemas dinâmicos em constante mutação. As variações podem ser estruturais ou não estruturais. Os casos de variação estrutural dizem respeito à organização lingüística: local do acento, colocação de um pronome na sentença, etc. Os casos de variação não estrutural, de maneira geral, dizem respeito a fatores estilísticos (velocidade de fala, estilo formal/informal, etc.) e a fatores sociais (sexo, grau de educação, etc.).

Os falantes nativos, geralmente, têm conhecimento da variação em sua língua materna. Contudo, ao estudarem uma língua estrangeira, a maioria dos alunos não reflete sobre a variabilidade inerente às línguas

* Sobre a autora, ver página 379.

naturais. Esta seção avalia alguns casos de variação de **pronúncia**, de **léxico** e de **sintaxe**. A língua estrangeira a ser considerada é o inglês. Pensemos, em primeiro lugar, no português, para depois refletirmos sobre o inglês. Considere as seguintes pronúncias da palavra “remarcar” (os símbolos entre colchetes refletem as pronúncias diferentes):

- (1) a. remarcar [hemah ' kah] pronúncia típica de Belo Horizonte
 b. remarcar [hemaɹ ' kaɹ] pronúncia típica “caipira”
 c. remarcar [hemaɾ ' kaɾ] pronúncia típica de São Paulo capital

Falantes do português brasileiro são capazes de identificar que as três pronúncias em (1) são diferentes e que todas representam exemplos de pronúncia da palavra “remarcar” no português brasileiro.¹ A diferença de pronúncia é um fato em qualquer língua. Algumas vezes, a variação de pronúncia pode refletir dados pessoais do falante, como procedência geográfica, grau de instrução, faixa etária, sexo, etc. Na verdade, podemos dizer que cada falante constrói o seu próprio sotaque ao longo de sua vida. Podemos dizer também que, em condições específicas, um falante pode alterar o seu sotaque original.

Em (1) foram apresentadas três pronúncias possíveis para a palavra “remarcar” no português brasileiro. Consideremos um caso de variação lexical. Em (2), temos um grupo de três palavras que são relacionadas a um mesmo tubérculo no português brasileiro:

- (2) a. mandioca
 b. aipim
 c. macaxeira

Segundo o **Dicionário da Língua Portuguesa – Novo Aurélio**, o tubérculo em questão pode apresentar, ainda, outros nomes, como, por exemplo: “aipi, castelinha, uaipi, mandioca-doce, mandioca-mansa, maniva, maniveira, pão-de-pobre”. A variação ilustrada em (2)

¹ Os símbolos fonéticos utilizados para o português brasileiro seguem a proposta de Cristóvão-Silva (2001).

é um caso de variação lexical no português brasileiro. Consideremos, agora, os exemplos em (3), que refletem um caso de variação morfossintática, mais especificamente, de variação da flexão verbal com os pronomes de 2ª Pessoa (tu) e (você):

- (3) a. Tu vais?
 b. Tu vai?
 c. Você vai?

Em (3a), o pronome “tu” é seguido da forma verbal “vais”, que segue o padrão normativo para o português. Esta alternativa é atestada entre falantes do sul do Brasil. Em (3b), o pronome é “tu”, sendo que a flexão verbal segue o padrão previsto para a terceira pessoa do singular: “vai”. Esta alternativa pode ser atestada entre falantes do Rio de Janeiro. Em (3c), a forma pronominal “você” ocorre com a flexão verbal “vai”. Esta alternativa pode ser observada entre falantes de vários estados do Brasil, dentre estes, os falantes do estado de Minas Gerais.

Os casos de variação de pronúncia, de variação lexical e de variação sintática exemplificados para o português brasileiro podem ser atestados em qualquer língua (obviamente com exemplos diferentes). Considere os exemplos que refletem a pronúncia de diferentes falantes do inglês:

- (4) a. part pa : t
 b. part pa : ɹt
 c. part pa : r t

A pronúncia (4a) é de um falante da Inglaterra, a pronúncia (4b) é de um falante dos Estados Unidos, e a pronúncia (4c) é de um falante da Índia. Da mesma maneira que as formas alternativas de pronúncia da palavra “remarcar” do português, ilustradas em (1), são interpretadas pelos falantes do português como variações de uma mesma palavra, as diferentes formas de pronúncia da palavra “part” em (4) são associadas à mesma palavra por falantes do inglês: “part”. Em (5), temos um caso de variação lexical entre o inglês britânico e o inglês americano:

- | | | |
|---------------|-----------------------------------|------------------|
| (5) a. garter | “cinta-liga para meias femininas” | inglês americano |
| b. suspenders | “suspensórios” | inglês americano |
| c. suspenders | “cinta-liga para meias femininas” | inglês britânico |
| d. braces | “suspensórios” | inglês britânico |

Considere em (6) um caso de variação sintática em que o verbo “ter” é expresso no inglês britânico como “to have got” e, no inglês americano, como “to have”. Estes dois casos implicam diferentes “tag-questions”:

- (6) a. You’ve got a dog, haven’t you?
b. You have a dog, don’t you?

Os exemplos ilustrados nesta seção indicam que, da mesma forma que podemos observar a variação em nossa língua materna, podemos avaliá-la em língua estrangeira. Isto nos leva a concluir que ao aprendermos uma língua estrangeira estaremos expostos a uma grande variabilidade lingüística. Como podemos então aprender tal língua de maneira “correta” e com um perfil coerente? A próxima seção aborda este tópico.

2 O sonho Dourado de Falar uma Língua Estrangeira como um Falante Nativo!

Atestamos com freqüência aprendizes de língua estrangeira afirmando que gostariam de falar a língua que está sendo aprendida *sem sotaque*. Entendo que *sem sotaque* significa não apenas ter uma pronúncia exemplar, mas também que as construções gramaticais e os usos lingüísticos sejam exímios. Este objetivo é basicamente impossível de ser alcançado.

Ressalto que um dos principais obstáculos para se ter a habilidade lingüística semelhante a de um falante nativo decorre do uso lingüístico. Veja que, se falantes nativos de português brasileiro estiverem num bar e alguém fizer uma palhaçada e uma outra pessoa disser: – Parece até

trapalhada do Didi!, é bem provável que muitos dos presentes (senão todos!) vão pensar no Didi dos Trapalhões. A personagem Didi com suas palhaçadas tem povoado as televisões brasileiras por várias décadas. Mesmo que você não goste da personagem, você a conhece e a relaciona com um tipo determinado ao qual você pode fazer outras associações.

Imagine que a situação descrita ocorra entre um falante que tenha vivido no Brasil nos últimos trinta anos e um estrangeiro que vive no Brasil há pouco tempo e que aprendeu português e se interessou pelo Brasil faz pouco tempo. Ou seja, um dos falantes desconhece a personagem Didi e certamente não compreenderá plenamente o que foi dito. Podemos imaginar inúmeras situações semelhantes em que o falante de língua estrangeira pode se encontrar em desvantagem lingüística em relação à comunidade na qual ele/a se insere. Tal desvantagem se relaciona primordialmente ao conhecimento de mundo associado a uma língua.

Por mais que nos empenhemos, não conseguiremos equiparar o conhecimento lingüístico de nossa língua materna ao nosso conhecimento lingüístico em língua estrangeira. O “conhecimento do mundo” no qual a língua estrangeira se insere é basicamente inatingível. Contudo, podemos nos empenhar – e nos empenhar muito! – para termos um conhecimento bastante amplo da língua que estará sendo aprendida. Argumento que o melhor sotaque é aquele que é eficiente para os propósitos de uma comunicação eficaz e que tenha coerência em si mesmo. Um sotaque que seja SEU e que seja consistente, da maneira que são consistentes os sotaques de todos os falantes nativos. Argumento que qualquer pessoa pode “refinar” o seu sotaque mediante a organização do conhecimento da língua estrangeira a ser aprendida. Neste sentido, espero que este artigo possa contribuir para fomentar o interesse pelo conhecimento da pronúncia do inglês por falantes brasileiros. As ciências que estudam o componente sonoro da fala são a Fonética e a Fonologia que serão tratadas brevemente na próxima seção.

3 Fonética e Fonologia

Geralmente o aprendiz de língua estrangeira ao procurar uma palavra no dicionário a localiza e considera o seu significado. Por motivos diversos, o aprendiz sobrepõe um conjunto de símbolos gráficos que geralmente se encontram entre colchetes ou entre barras transversais: [pa] ou /pa/.

Exemplos entre colchetes – [pa] – caracterizam uma representação ou **transcrição fonética**, e exemplos entre barras transversais – /pa/ – caracterizam uma representação ou **transcrição fonológica**. No exemplo de [pa] e /pa/, as representações fonética e fonológica são idênticas. Contudo, geralmente há diferenças significativas entre as representações fonéticas e fonológicas em uma língua. Buscando uma explicação extremamente simplista para caracterizar esta diferença de representação ou transcrição, podemos dizer que a transcrição entre colchetes, [pa], indica a pronúncia – **representação fonética** –, e a transcrição entre barras transversais, /pa/, indica a análise da estrutura sonora – **representação fonológica**. Um exemplo que caracteriza a diferença entre estes níveis de representação, em português, pode ser observado nas respectivas transcrições fonética e fonológica da palavra “santas” (utilizei para a representação fonética a minha pronúncia): [sãtas] e /saNtaS/. Explicar em detalhes estas diferenças nos levaria muito além dos propósitos deste artigo.

A representação em dois níveis distintos – fonético e fonológico – decorre da concepção tradicional da lingüística moderna. Nesta concepção representa-se fonologicamente somente os sons que tenham contraste na língua. Os sons que contrastam são denominados fonemas. Um exemplo de fonemas no português seria /f/ e /v/ que contrastam nas palavras *faca* e *vaca*. A fonética seria responsável pelo detalhe fonético: se ocorreu desvozeamento, se a vogal foi reduzida, etc.

Sem incorrer nas consequências teóricas de tais concepções, saliento que uma visão alternativa a tal proposta tem sido oferecida

com sucesso. É a **Teoria dos Exemplos** (JOHNSON, 1997; PIERREHUMBERT, 2001, 2003) que será apresentada na próxima seção.

4 Teoria de Exemplos

A **Teoria dos Exemplos** (JOHNSON, 1997; PIERREHUMBERT, 2001, 2003) pode ser compreendida como uma vertente teórica que vem se delineando nos estudos lingüísticos em oposição à visão da categoricidade do sistema lingüístico e é compatível com o modelo fonológico proposto por Bybee (2001): Fonologia de Uso.

A **Teoria de Exemplos** sugere que os falantes têm conhecimento fonético detalhado dos itens lexicais e que fazem uso de tal conhecimento. Esta teoria sugere que padrões de variação fonológica de um determinado som devem ser aprendidos durante o processo de aquisição de uma língua. Neste contexto, a Teoria de Exemplos sugere uma proposta alternativa com referência ao conteúdo das representações fonológicas, como proponho em Cristóvão-Silva (2003):

1. O detalhe fonético é aprendido como parte da palavra (sons se encontram em contexto e a palavra é o locus de categorização).
2. A frequência desempenha um papel crucial no mapeamento fonológico.

Em resumo, a **Teoria de Exemplos** assume que a memória de propriedades fonéticas é associada a itens léxicos individuais. O léxico e a gramática expressam graus específicos de generalizações de memórias fonéticas mantendo um relacionamento estreito entre si. A frequência de *tipo* e de *ocorrência (token)* desempenha papel crucial na organização das representações fonológicas, incorporando inúmeras descobertas decorrentes de pesquisas em sociolingüística.²

² A **frequência de ocorrência** diz respeito a quantas vezes uma unidade, geralmente uma palavra, ocorre em um *corpus* oral ou escrito. A **frequência de tipo** refere-se à frequência de dicionário de um padrão particular, podendo ser um sufixo, um tipo silábico, um som, etc.

Na **Teoria de Exemplos**, cada categoria fonética é representada na memória por uma nuvem que consiste de um conjunto de exemplos que foram registrados para tal categoria. Os exemplos são organizados num mapa cognitivo. Categorias mais frequentes apresentam maior número de exemplos e categorias infrequentes apresentam poucos exemplos. Uma nuvem de exemplos contém informação lingüística e não lingüística. A figura que se segue ilustra uma nuvem de exemplos (cf. BYBEE, 2001, p. 52).

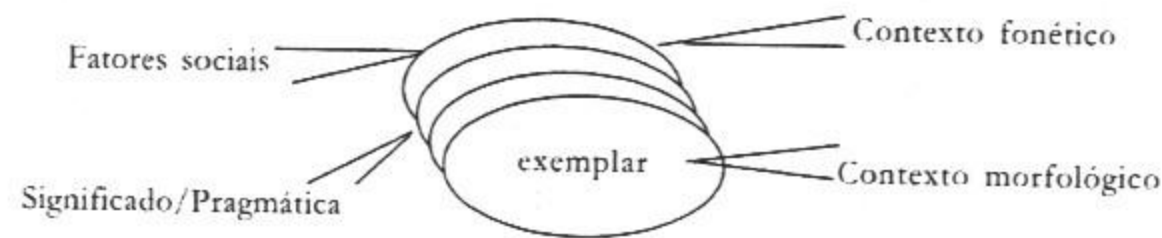


Figura 1 - Nuvem de exemplos

Na **Teoria de Exemplos**, há um pólo mais denso que expressa a categoria fonética mais recorrente na comunidade de fala em questão. É inerente a esta teoria a variabilidade – ou seja, o conhecimento de outras variedades lingüísticas – tendo como foco (mais polarizado) a variedade de um indivíduo em particular. Dito de outra forma, falamos a nossa variedade lingüística, mas conhecemos e organizamos o conhecimento de outras variedades lingüísticas a que tenhamos acesso. Tendo em mente a Teoria de Exemplos no aprendizado de língua estrangeira, sugiro que:

- a. O ensino de língua estrangeira deve levar em conta as categorias sonoras (e gramaticais) mais frequentes na língua estrangeira;
- b. Os sons (estruturas) equivalentes nas duas línguas devem ter explicitadas as suas particularidades fonéticas específicas (detalhe fonético);
- c. Os sons novos na língua-alvo devem ser categorizados, na medida do possível, a partir de sons já conhecidos na língua materna;
- d. O ensino de pronúncia deve ser privilegiado desde o início de aprendizado de uma língua estrangeira.

O que segue desta sugestão é que devemos considerar o que nos parece diferente com o foco em nosso conhecimento existente. Na próxima seção, avaliamos essa proposta, discutindo um caso de pronúncia de falantes brasileiros de inglês.

5 Aprendendo o Diferente, Aprendendo a Categorizar o Diferente

Na abordagem da **Teoria de Exemplos**, poderemos dizer que no aprendizado de língua estrangeira relacionamos padrões sonoros conhecidos da língua materna com padrões sonoros desconhecidos da língua estrangeira. Consideremos o caso da vogal média central Λ do inglês – que ocorre, por exemplo, na palavra *love*. Falantes brasileiros de inglês conhecem a vogal Λ em palavras como:

(7)	Vogal nasal	Vogal oral
a) cama	kâma	k Λ ma
b) banana	banâna	b Λ n Λ na
c) ana	âna	Λ na

Observe nos exemplos acima que a vogal Λ ocorre – em português – sistematicamente seguida de uma das consoantes nasais: m, n. Note também que falantes brasileiros relacionam as vogais [ã] – a nasal – com a vogal oral central Λ , ou seja, para falantes brasileiros os sons [ã, Λ] pertencem a um mesmo grupo (sendo que há variabilidade, mas não causa mudança de significado). Estes fatos são conhecidos (mesmo que informalmente) ao falante brasileiro que, ao aprender inglês, os levará como bagagem. Como consequência, falantes brasileiros de inglês tendem a ter mais facilidade em pronunciar a vogal Λ em inglês, quando esta se encontra seguida de uma consoante nasal (m ou n). Por exemplo: come [k Λ m]; some [s Λ m], fun [f Λ n].³

³ Note que o falante brasileiro de inglês pode ter dificuldades em produzir a consoante nasal final nestas palavras. Contudo, tal dificuldade decorre de outro fator: a não-ocorrência de consoantes nasais em final de palavras em português.

Se considerarmos a mesma vogal Λ seguida de consoantes orais (ou seja, não nasais), observamos que a pronúncia do falante brasileiro de inglês distancia-se mais da pronúncia da língua-alvo. Isto é de fato esperado porque os falantes brasileiros de inglês conhecem a vogal Λ seguida de consoante nasal, mas NÃO quando ela é seguida de consoante oral. Ou seja: esperamos que a pronúncia de uma palavra que contenha a vogal Λ seguida de consoante nasal esteja mais próxima da língua-alvo do que a pronúncia de uma palavra que contenha a vogal Λ seguida de consoante oral. Esta é a tendência geral, mas há casos em que a vogal Λ seguida de consoante nasal representa um problema substancial aos falantes brasileiros de inglês. Estes sons envolvem pares de palavras como *rang* [ræŋ] e *rung* [rʌŋ].

Note que nestes casos o falante brasileiro de inglês deve categorizar as vogais Λ e æ como segmentos distintos. Contudo, o falante brasileiro de inglês interpreta as vogais Λ e æ como pertencentes a um único grupo. Tal interpretação segue do fato que em sua língua materna a vogal Λ pode se relacionar a vogal æ (que é uma vogal baixa como [a], embora seja anterior e não central como o [a]).

Para que o falante brasileiro de inglês tenha sucesso, há necessidade de categorizar Λ e æ como segmentos distintos. Podemos dizer que: conhecemos o som Λ em contexto específico (seguido de consoante nasal), mas sendo ele associado também à vogal a-nasal. Ao aprender inglês, o falante brasileiro de inglês deverá agrupar, ou seja, categorizar, tais sons como unidades distintas. Tais sons são mesclados em categorias análogas. Veja que quando categorias mescladas são tratadas como distintas o contexto familiar para se indicar isso é aquele em que o mesmo já ocorre na língua materna (no caso em questão a vogal Λ seguida de consoante nasal).

De maneira geral, o ensino de pronúncia é nulo ou incipiente nos cursos de línguas modernas e mesmo nos cursos de capacitação de professores de línguas modernas. A partir de uma avaliação do ensino de pronúncia de falantes brasileiros de inglês, argumento que o

ensino de pronúncia, e de língua estrangeira, deve ter foco central na língua materna (L1). Decorre que o ensino não deve ser globalizante, e sim direcionado a populações específicas. As implicações didáticas são de que o treinamento de professores deve ser mais eficaz e o ensino de pronúncia deve ser central ao ensino de língua estrangeira. Professores mais proficientes devem atuar nas classes iniciais.

Tal avaliação leva à formulação da hipótese de que o ensino de pronúncia é focalizado na língua-alvo assumindo-se processos similares de aprendizagem em diferentes línguas. O ensino de língua estrangeira é específico de cada língua e deve ser gerenciado de maneira específica e não globalizante!

Postulo que a construção do sistema sonoro de língua estrangeira é baseada, primordialmente, no sistema sonoro da língua materna e tem interferência direta deste. No caso do/a falante brasileiro(a) que aprende inglês como língua estrangeira, ele/a deve ter um referencial sólido do sistema sonoro do português. O aprendizado de língua estrangeira deve, essencialmente, priorizar o ensino de pronúncia da língua que está sendo aprendida. Argumento, ainda, que a familiaridade com os padrões sonoros da língua estrangeira oferecerá ao aprendiz a oportunidade de ter um desempenho significativamente mais acurado na língua que está sendo aprendida. Uma comunicação eficaz procede.

6 Conclusão

Neste trabalho, faço algumas considerações em relação ao ensino de língua estrangeira com ênfase na relevância do ensino-aprendizagem da organização sonora. Defendo que a construção do sistema sonoro de uma língua estrangeira é baseada, primordialmente, no sistema sonoro da língua materna e tem interferência direta deste. A proposta de ensino-aprendizagem de pronúncia do inglês que considera as idéias formuladas aqui tem como base o trabalho: **Pronúncia de inglês para falantes do português brasileiro**, disponível em: <www.lettras.ufmg.br/cristofaro>. Propostas análogas podem ser

formuladas para outras línguas. Espero que o presente artigo contribua para o ensino-aprendizagem tanto do inglês quanto de outras línguas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, B. O. **The Acquisition of English Vowels by Brazilian-Portuguese Speakers**. Florianópolis: Pallotti, 2000.

BYBEE, J. **Phonology and Language Use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. Sound Change in Tautosyllabic Consonantal Clusters. Brazilian Portuguese. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF PHONETIC SCIENCES, 15th, 2003, Barcelona, Espanha. **Proceedings...** Barcelona, Espanha, 2003. p. 1675-1678.

FLEGE, J. E. Effects of equivalence classification on the production of foreign language speech sounds. In: JAMES, A.; LEATHER, J. (Ed.). **Sound Patterns in Second Language Acquisition**. Dordrecht, Holland: Foris, 1986.

PENNINGTON, M. C. **Phonology in English Language Teaching: an international approach**. London: Addison Wesley Longman, 1996.

PIERREHUMBERT, J. Stochastic phonology. **GLOT**, v. 5, n. 6, p. 1-13. 2001.

PIERREHUMBERT, J. Probabilistic Phonology: Discrimination and Robustness. In: BOD, R; HAY, J.; JANNEDY, S. (Ed.) **Probability Theory in Linguistics**. Cambridge: The MIT Press, 2003. p. 177-228.

Bibliografia Consultada

CAGLIARI, L. C. **Análise Fonológica: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas: Mercado das Letras, 2002. p. 18-19.

JENKINS, J. **The phonology of English as an International Language: new models, new norms, new goals**. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 7-132.

JOHNSON, K. **Acoustic and Auditory Phonetics**. Oxford: Blackwell, 1997.

LADEFOGED, P. **A Course in Phonetics**. New York: Harcourt Brace College, 1993.

MORLEY, J. **Improving Spoken English**. Ann Arbor, MI: The University of Michigan Press, 1979.

MAYOR, R. C. Current trends in interlanguage phonology. In: YAVAS, H. (Ed.). **First and Second Language Phonology**. San Diego: Singular Publishing Group, 1994.

ODLIN, Terence. **Language Transfer, Cross-linguistic Influence in Language Learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

SILVEIRA, Rosane. Pronunciation instruction classroom practice and empirical research. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 5, n. 1, p. 93-126, 2002.